

# Compra da Solvey Indupa pela Braskem é rejeitada

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) na semana passada, a compra da Solvey Indupa pela Braskem. Por unanimidade, os conselheiros do CADE aprovaram a compra estimado em R\$ 290 milhões, criou uma nova empresa de PVC no Brasil, com riscos de aumento dos preços aos consumidores no futuro. O CADE também avaliou que a Braskem não apresentou alternativas para diminuir a concentração no mercado, como a venda de ativos a concorrentes.

Segundo integrantes do CADE, a Braskem poderia ter discutido a venda de plantas da Solvay Indupa em São Paulo ou em Baía Blanca, na Argentina, mas não o fez. A Braskem teria feito somente o compromisso de que não vai agir contra a competição, considerado muito pouco para o órgão antitruste. Com isso, o CADE declarou-se sem alternativas a não ser o veto ao negócio envolvendo as duas maiores empresas no mercado de PVC no Brasil.

A empresa brasileira contesta essa informação e informou que apresentou ao órgão antitruste, na terça-feira (11), após reunião no dia anterior, uma minuta de acordo que **“atenderia os interesses tanto do CADE quanto da empresa”**. Segundo a Braskem, sequer foi analisado e nem avaliado o pedido de retirada do caso da pauta de ontem, pois o órgão tinha prazo até por volta de 20 de dezembro para fazer o julgamento da aquisição.

**“Infelizmente, não será possível a aquisição da forma como foi pleiteada”**, disse o presidente do CADE, Vinícius Carvalho. Para a Braskem, no entanto, só faz sentido a aquisição como um todo, pois trata-se de ganhar escala e condições em um segmento que enfrenta excesso de oferta e margens apertadas de ganho e que passa por uma onda de consolidação no mundo.

Com a junção dos ativos, no Brasil e Argentina, passaria a deter não mais que 3% das 40 milhões de toneladas de consumo mundial por ano. Em nota, afirmou: **“a Braskem discorda da decisão do CADE e a considera prejudicial à indústria brasileira”**.

A empresa informou que obteve mais de uma dezena de análises, estudos e pareceres de conceituados economistas, juristas, consultorias técnicas e econômicas, inclusive de ex-



Braskem anunciou a compra em dezembro do ano passado

deram aval à compra.

CADE, **“poderiam ter sido criadas alternativas, não foram”**. **“Eu já ouvi que a Brasil ficaria comprometida se essa operação não fosse aprovada, que a não aprovação seria uma ameaça à indústria e para ela ser competitiva no âmbito mundial, mas estamos falando do mercado de PVC no país”**, explicou. **“Nós não estamos colocando uma pá de cal na indústria petroquímica nem na capacidade de a Braskem competir em âmbito mundial”**, afirmou.

Carvalho ressaltou ainda que, se a Braskem fizer novas aquisições no mercado, esses negócios terão que passar pelo crivo do órgão antitruste. Ou seja, a empresa pode tentar adquirir apenas a planta da Solvay Indupa em São Paulo ou a planta na Argentina. Mas ficou claro no julgamento que esses negócios só teriam alguma chance de aprovação se forem apresentados isoladamente.

**“Essa decisão frustra a Braskem num momento delicado da indústria brasileira e petroquímica”**, disse Américo Bartilotti, diretor responsável pelo negócio de PVC. A empresa, que vai avaliar medidas judiciais após publicação da decisão do julgamento, ainda pode tentar um recurso junto ao CADE.

O deputado federal Vanderlei Siraque (PT/SP), presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Cadeia Produtiva do Setor Químico, Petroquímico e Plástico do Brasil, avaliou como preocupante a decisão do CADE. Para o parlamentar, a rejeição do negócio pelo órgão antitruste tem potencial para comprometer o segmento, gerando redução dos postos de trabalho e redução na arrecadação de impostos na região do Grande ABC, em São Paulo, onde está localizada a planta industrial da Solvay Indupa.

**“Passamos por um momento delicado e agora é preciso buscar outras saídas para garantir a continuidade da atividade desta indústria na região”**, avaliou Siraque, que acompanhou todo o processo de negociação das empresas e, depois, o desenvolvimento do julgamento no CADE.

Em nota, a Solvay informou que sua posição sobre a Indupa permanece inalterada. E que vai examinar alternativas para vender sua participação na empresa.

# Acordo para fornecimento de nafta pode sair neste ano

Apesar de Petrobras e Braskem terem assinado, em agosto passado, um aditivo ao contrato de fornecimento de nafta petroquímica mantendo os valores cobrados pela matéria-prima até o fim de fevereiro de 2015, a empresa privada espera acertar com a estatal um novo acordo antes do final de 2014. Segundo o gerente de relações institucionais da Braskem no Rio Grande do Sul, João Ruy Freire, as negociações continuam, e a expectativa é de que o acordo seja consolidado o quanto antes, para que se tenha normalidade na operação.

Apesar de admitir que se trata de uma grande e importante tratativa, Freire adianta que a Braskem **“tem fé que se consolide ainda neste ano”**. O executivo argumenta que, com o término do processo eleitoral, o peso da questão política diminuiu e ganha força as condições do negócio em si. O gerente de relações institucionais lembra que, concluída a questão da nafta, será possível avançar quanto ao acordo com a Synthos.

Essa companhia polonesa planeja construir uma fábrica de borracha sintética em Triunfo, cujo investimento será de cerca de R\$ 380 milhões. Entretanto, depende do butadieno da Braskem, que é feito a partir da nafta. **“Espero que as coisas resolvam-se da melhor maneira possível”**, almeja o diretor da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis (Abief) e presidente do 1º Congresso Brasileiro do Plástico, Alfredo Schmitt. O empresário acredita que está se criando um ambiente, após eleições, mais favorável. Além disso, o dirigente enfatiza que o preço da nafta caiu no mercado internacional, o que pode contribuir para se chegar a algum consenso mais rapidamente. Ainda sobre o cenário posterior às eleições, Schmitt adianta que uma das



Foto: Divulgação

bandeiras que será levantada pelo segmento do plástico é a volta da competitividade. Um dos fatores que pode contribuir para isso é a dilatação do prazo de recolhimento de impostos. A divergência entre Braskem e Petrobras, que levou ao aditivo, é quanto ao novo valor a ser estipulado. O diretor da MaxiQuim Assessoria de Mercado João, Luiz Zuñeda, resalta que o Brasil tem custos de capital e de matéria-prima muito elevados atualmente. **“Se aumentar ainda mais o custo da nafta, o que será da petroquímica brasileira?”**, indaga. Zuñeda destaca que apropriada Braskem já está investindo em outras nações, como, por exemplo, no México. Ele também sustenta que o fato de ter passado o momento eleitoral facilitará as discussões, podendo ser encerradas antes do fim do ano. **(Com informações do Jornal do Comércio)**